

UM GIRO DECOLONIAL À METODOLOGIA CIENTÍFICA: APONTAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS PARA METODOLOGIAS DESDE E PARA A AMÉRICA LATINA

Tereza Maria Spyer Dulci¹
Mariana Rocha Malheiros²

Resumo: O pensamento decolonial tem contribuído para pensar a América Latina numa ruptura epistêmica com a retórica da modernidade e a lógica da "colonialidade do poder" e suas derivações. Para a pesquisa que propõe ser decolonial, é preciso pensar não só as bases epistemológicas das teorias em que se baseiam as pesquisas, mas também os métodos em que as mesmas pretendem se elaborar. O presente trabalho não tem a pretensão de propor um método universal para pesquisa decolonial – o que seria uma contradição na proposta - mas apontar possibilidades epistemológicas nas metodologias que os(as) investigadores(as) pretendem utilizar. Busca-se pensar a relação entre sujeito e objeto entendendo que o objeto de estudo não pode ser do interesse do/a pesquisador/a - individual, mas deve ser construído no coletivo, com comunidades e povos que as pesquisas visam alcançar. Os objetivos que se pretendem alcançar devem ser comunitários, antes de serem científicos. Já as justificativas devem partir das necessidades que se apresentam, pois não se trata de uma ciência que busca a “verdade”, mas que transforma a realidade e também se transforma. Da mesma forma, dentro da construção de metodologias decoloniais, procura-se partir da suspeita sobre o que pretende ser universal e neutro, apontando que não há neutralidade na produção do pensamento científico, existindo uma orientação política nas perguntas e marcos teóricos utilizados por pesquisadores/as, que podem ter na “desobediência epistêmica”, na “antropologia por demanda” e no “sentipensar” e “corazonar” possíveis caminhos de construção metodológica. Por fim, o horizonte decolonial se apresenta como um conhecimento que responde às realidades e demandas locais/regionais. Por isso, para além de responder um problema, as metodologias utilizadas em pesquisas decoloniais devem ser propositivas a essas demandas. Nesse sentido, buscamos fazer um estudo de caso utilizando ferramentas que emergem do *Buen Vivir*: a "interculturalidade" e os "bens relacionais".

Palavras-chave: Metodologia científica; giro decolonial; metodologias decoloniais; Buen Vivir.

UN GIRO DECOLONIAL A LA METODOLOGÍA CIENTÍFICA: NOTAS EPISTEMOLÓGICAS PARA METODOLOGÍAS DESDE Y PARA AMÉRICA LATINA

¹ Professora da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) no Ciclo Comum de Estudos, no curso de Relações Internacionais e Integração e no Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea na América Latina (PPGICAL). Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em História Social e Bacharel/Licenciada em História pela mesma instituição. Possui Pós-Doutorado desenvolvido no Centro de Investigaciones sobre América Latina y el Caribe (CIALC), da Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). Participa do grupo de pesquisa ¡DALE! - Decolonizar a América Latina e seus Espaços. E-mail: terezaspier@gmail.com.

² Advogada. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea na América Latina da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (PPGICAL-UNILA). Especialista em Perspectivas Decoloniais e Educação pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO), bacharela em Direito pela Faculdades Guarapuava. Participa do grupo de pesquisa ¡DALE! - Decolonizar a América Latina e seus Espaços. E-mail: mariana.malheiros.62678@gmail.com.

Resumen: El pensamiento decolonial ha contribuido a pensar a América Latina en una ruptura epistémica con la retórica de la modernidad y la lógica de la "colonialidad del poder" y sus derivaciones. Para la investigación que se propone decolonial, es necesario pensar no solo las bases epistemológicas de las teorías en las que se basa la investigación, sino también los métodos en los que pretenden ser elaborados. El presente trabajo no objetiva proponer un método universal para la investigación decolonial, lo que sería una contradicción en la propuesta, sino señalar las posibilidades epistemológicas en las metodologías que los investigadores pretenden utilizar. Busca pensar la relación entre sujeto y objeto, entendiendo que el objeto de estudio no puede ser de interés para el investigador individual, sino que debe construirse en el colectivo, con las comunidades y los pueblos que la investigación pretende alcanzar. Los objetivos que se pretende alcanzar deben ser comunitarios, antes de ser científicos. Las justificaciones, por otro lado, deben partir de las necesidades que emergen, ya que no es una ciencia que busca la "verdad", sino que transforma la realidad y también transforma a sí misma. Asimismo, dentro de la construcción de metodologías decoloniales, se busca partir de la sospecha sobre lo que se pretende que sea universal y neutral, señalando que no existe neutralidad en la producción de pensamiento científico, con una orientación política en las preguntas y marcos teóricos utilizados por los investigadores que pueden tener en la "desobediencia epistémica", "antropología bajo demanda" y "sentipensar" y "corazonar" posibles formas de construcción metodológica. Finalmente, el horizonte decolonial se presenta como un conocimiento que responde a las realidades y demandas locales / regionales. Por lo tanto, además de responder a un problema, las metodologías utilizadas en las investigaciones decoloniales deben ser proposicionales a estas demandas. En este sentido, buscamos hacer un estudio de caso utilizando herramientas que emergen del Buen Vivir: "interculturalidad" y "bienes relacionales".

Palabras-clave: Metodología científica; giro decolonial; metodologías decoloniales; Buen-Vivir.

A DECOLONIAL TURN TO SCIENTIFIC METHODOLOGY: EPISTEMOLOGICAL NOTES FOR METHODOLOGIES SINCE AND FOR LATIN AMERICA

Abstract: Decolonial thinking has contributed to the thinking of Latin America in an epistemic break with the rhetoric of modernity and the logic of "coloniality of power" and its derivations. For the research that proposes to be decolonial, it is necessary to think not only the epistemological bases of the theories on which the research is based, but also the methods on which they intend to be elaborated. The present work does not intend to propose a universal method for decolonial research - which would be a contradiction in the proposal - but to point out epistemological possibilities in the methodologies that the researchers intend to use. It seeks to think about the relationship between subject and object, understanding that the object of study cannot be of interest to the individual researcher, but must be built in the collective, with communities and peoples that the research aims to reach. The objectives that are intended to be achieved must be community, before being scientific. Arguments, on the other hand, must start from the needs that present themselves, as it is not a science that seeks the "truth", but that transforms reality and also transforms itself. Likewise, within the construction of decolonial methodologies, one seeks to start from the suspicion about what is intended to be universal and neutral, pointing out that there is no neutrality in the production of scientific thought, with a political orientation in the questions and theoretical frameworks used by researchers, which may have in "epistemic disobedience", "anthropology on demand" and "sentipensar" and "corazonar" possible ways of methodological construction. Finally, the decolonial horizon presents itself as knowledge that responds to local / regional realities and demands. Therefore, in addition to answering a problem, the methodologies used in decolonial research must be propositional to these demands. In this sense, we seek to make a case study using tools that emerge from Buen Vivir: "interculturality" and "relational goods".

Keywords: Scientific methodology; decolonial turn; decolonial methodologies; Buen Vivir.

Introdução

Os(as) teóricos(as) do pensamento decolonial têm dado centralidade política e analítica à América Latina. Desde o final dos anos 90, autores(as) do “Grupo Modernidade/Colonialidade” se dedicam a tratar de um dos conceitos-chave do “giro decolonial”, qual seja, a “colonialidade”, bem como suas derivações, especialmente “colonialidade do poder”, “colonialidade do ser” e “colonialidade do saber” (Castro-Gómez; Grosfoguel, 2007).

O conceito-matriz “colonialidade do poder” diz respeito às várias dimensões de poder constitutivas do colonialismo e de seus legados que permanecem na contemporaneidade (Quijano, 1992, 2005). Para Aníbal Quijano, o mundo “que começou a formar-se com a América, tem em comum três elementos centrais que afetam a vida cotidiana da totalidade da população mundial: *a colonialidade do poder, o capitalismo e o eurocentrismo*” (Quijano, 2005, p.123).

Já a “colonialidade do saber” é fruto da colonização das perspectivas cognitivas, dos sentidos, dos imaginários e das subjetividades. Segundo Quijano, “Todo esse acidentado processo implicou no longo prazo uma colonização das perspectivas cognitivas, dos modos de produzir ou outorgar sentido aos resultados da experiência material ou intersubjetiva, do imaginário, do universo de relações intersubjetivas do mundo; em suma, da cultura (Quijano, 2005, p. 111). Ou seja, a “colonialidade do saber” é resultado de “um legado epistemológico do eurocentrismo que nos impede de compreender o mundo a partir do próprio mundo em que vivemos e das epistemes que lhes são próprias” (Porto-Gonçalves, 2005, p.4).

Por sua vez, a “colonialidade do ser” é um conceito criado por Walter Dignolo (2003, 2014), que foi desenvolvido por Néelson Maldonado-Torres (2007, 2009), fruto da “colonialidade do poder” e da “colonialidade do saber” e procura tratar dos efeitos da colonialidade vivenciada pelos sujeitos subalternos. Nesse sentido, a “colonialidade do ser” refere-se à experiência vivida dos seres tomados como inferiores, processo que naturaliza as violências físicas e simbólicas.

Vários autores(as) do “giro decolonial” já destacaram o quanto as epistemologias criadas pelo Norte Global são hegemônicas e geraram diversos processos de epistemicídios. Além disso, as epistemologias e metodologias nortecêntricas estão baseadas na lógica cartesiana, eurocentrada, racializada, localizada e generificada.

Cada vez mais os(as) pesquisadores(as) buscam a teoria decolonial para embasamento teórico e se propõem a produzir rompendo com a "colonialidade do saber" e seus métodos coloniais, que se apresentam como: primeiro, a criação de um sujeito que protagoniza a condução da pesquisa e um objeto que deve ser estudado; segundo, objetivos científicos a serem alcançados; terceiro, justificativas que mostram a relevância da pesquisa para a ciência; quarto, buscas por neutralidade que procuram separar a produção do pesquisador de suas influências políticas, religiosas, idealistas, artísticas, pessoais e tudo o que prejudicasse a isenção da pesquisa; por último, respostas para um problema com pretensão universal (Segato, 2015).

Conforme já afirmamos, o pensamento decolonial tem contribuído para pensar a América Latina desde a América Latina, numa ruptura com a retórica da modernidade e a lógica da "colonialidade" e suas diversas derivações. Para a pesquisa que se propõe ser decolonial, é preciso pensar não só os pressupostos epistemológicos das teorias em que se baseiam, mas também os métodos em que as mesmas pretendem se elaborar.

Assim, o presente trabalho não tem a pretensão de elaborar um método universal para a pesquisa decolonial – o que seria uma contradição na proposta - mas apontar possibilidades epistemológicas nas metodologias que os(as) investigadores(as) pretendem utilizar. Entretanto, é importante ressaltar que as metodologias decoloniais não são neutras, mas apresentam sensibilidade às demandas dos corpos colonizados, que estão dentro das zonas do “não ser” da modernidade, e, ao assumir esse lugar epistemológico, se propõem a elaborar um caminho, conforme cada pesquisa, para decolonizar esses corpos e suas realidades, que não são pretensamente universais, mas reais, e estão dentro da América Latina.

Nesse sentido, em uma primeira seção, procuramos arrolar alguns conceitos-chave que podem contribuir para o trabalho de pesquisa decolonial e para pensar metodologias outras: “desobediência epistêmica”, “antropologia por demanda”, “sentipensar” e “corazonar”. Já na segunda seção, buscamos fazer um estudo de caso utilizando ferramentas que emergem do *Buen Vivir*: a "interculturalidade" e os "bens relacionais".

1. Outras metodologias: alguns aportes conceituais

O "giro decolonial", se comparado às demais "escolas de pensamento", é bastante recente e boa parte da sua produção mais significativa sobre outras metodologias surgiu nos

últimos anos. Esses caminhos metodológicos alternativos têm estreita relação com as experiências "localizadas", tal como a dos zapatistas e dos povos andinos. Assim, os(as) autores(as) decoloniais vêm pensando e discutindo propostas teórico-metodológicas a partir das suas próprias experiências junto aos movimentos sociais e em função das vivências propiciadas pelo trabalho de campo. Portanto, aqui nesta seção nos valem de alguns conceitos-chave fruto exatamente das experiências de teóricos(as) decoloniais para pensarmos algumas alternativas metodológicas para as pesquisas que se propõem seguir os pressupostos decoloniais.

1.1. Desobediência Epistêmica e Antropologia por Demanda

Uma vez que o saber científico não é "deslocalizado", "descontextualizado" e "desincorporado", muito pelo contrário, o conceito de "geopolítica do conhecimento" – o conjunto de movimentos com vistas a conceber, produzir, transmitir e disputar saberes na modernidade-colonialidade (Mignolo, 2002) – se torna bastante pertinente para este trabalho. Para entendermos como se configura o que chamamos de "colonialidade metodológica", este conceito nos ajuda a compreender que o conhecimento situado "não tem a ver apenas com valores sociais na produção de conhecimento nem com o fato de o nosso conhecimento ser sempre parcial. O essencial aqui é o *locus* da enunciação, ou seja, o lugar geopolítico e corpolítico do sujeito que fala" (Grosfoguel, 2009, p.386).

Segundo Mignolo, a história do conhecimento, tal como a conhecemos, sempre esteve marcada "geo-historicamente", tendo claros seu valor e lugar. Partindo do pressuposto de que o conhecimento "não é abstrato e des-localizado" (...) La trampa es que el discurso de la modernidad creó la ilusión de que el conocimiento es des-incorporado y des-localizado y que es necesario, desde todas las regiones del planeta, 'subir' a la epistemología de la modernidad" (Mignolo, 2001, p. 51). Assim, tendo como objetivo um processo de descolonização epistêmica que combata o "diseño colonial":

(...) la noción de las geopolíticas de conocimiento forma un eje crucial, tanto en la elaboración de una comprensión crítica de la diferencia epistémica colonial en la formación y transformación del sistema-mundo moderno/colonial en zonas periféricas como América Latina, como en la de establecer la relación entre historias locales y la producción de conocimiento (Walsh, 2001, p. 49).

Este conhecimento geopolítico que foi ao mesmo tempo fabricado e imposto pela modernidade têm sido denunciado e combatido pelos teóricos(as) decoloniais, em especial a partir da proposta da "desobediência epistêmica" (Mignolo, 2010). Para Mignolo, é necessário

superar "a lógica da colonialidade por trás da retórica da modernidade". No entanto, isso só é possível se esse processo for feito desde as demandas dos movimentos sociais: "Escusado será dizer que nenhum livro sobre a descolonialidade fará diferença, se nós (intelectuais, estudiosos, jornalistas) não seguirmos a vanguarda da sociedade política global emergente (os denominados "movimentos sociais") (Mignolo, 2017, p.6).

Nesse sentido, Rita Segato, baseada no trabalho etnográfico, propõe, em alguns de seus textos, uma "antropologia por demanda". Tal proposta advém das suas experiências, tais como aquelas vividas com comunidades indígenas no Brasil e com os movimentos sociais que lutam contra os feminicídios, como o *Ni Una Menos*.

Segato afirma que "la antropología, como *ciencia del otro*, sería el campo del conocimiento destinado a contribuir para el desarrollo de la sensibilidad ética". No entanto, o papel da antropologia deveria ser outro, "no sería la de dirigir nuestra mirada hacia el otro con la finalidad de conocerlo, sino la de posibilitar que nos conozcamos en la mirada del otro, permitir que su mirada nos alcance (...) e inclusive que abra juicio sobre nosotros (Segato, 2015, p. 12). Para ela, esse exercício só é possível a partir de uma antropologia "litigante" e "contenciosa":

(...) una antropología supeditada a la demanda de los que anteriormente habían sido objeto de nuestra observación; una antropología atenta e interpelada por lo que esos sujetos nos solicitan como conocimiento válido que pueda servirles para acceder a un bienestar mayor, a recursos y, sobre todo, a la comprensión de sus propios problemas (Segato, 2015, p. 13).

De acordo com Segato, o antropólogo não pode ficar enclausurado, buscando escrever apenas para ser lido por seus pares, reduzindo seu trabalho a uma mera tarefa técnica, ele deve "dirigirse al mundo, a los temas epocales, y utilizar su *caja de herramientas, su oficio de etnógrafo*, para responder a las preguntas de su tiempo y frecuentar los debates de su mundo" (Segato, 2015, p.16), pois "O estudo de *outras culturas* não garante a interculturalidade, a exposição radical à transformação demandada pelo *outro*" (Segato, 2006, p.228).

Desse modo, tendo como procedimento a "escuta" etnográfica (Segato, 2012, p. 107), Segato afirma que as comunidades devem interpelar o antropólogo em campo. Na busca por justiça, elas precisam demandar que os conhecimentos com os quais lida o etnógrafo busquem contribuir com suas "metas históricas":

Lo que propongo es que nuestro antiguo "objeto" clásico sea hoy el que nos interpele,

nos diga quien somos y que espera de nosotros, y nos demande el uso de nuestra “caja de herramientas” para responder sus preguntas y contribuir con su proyecto histórico. Es por esta disponibilidad para con la solicitud de comunidades y pueblos que esta práctica disciplinar es también una *antropología litigante, al servicio, interpelada*. (...) Su *caja de herramientas, el oficio de etnógrafo*, sirven para darles uso en la búsqueda de respuestas que activamente nos solicitan aquellos que hemos construido como nuestros “nativos”, interpretaciones y datos que necesiten para diseñar sus proyectos (Segato, 2013, p.15).

1.2. Sentipensar e Corazonar

Orlando Fals Borda (1978, 1987, 2015), conhecido entre outras coisas pelo método da "Investigação Ação Participativa" (IAP), fez uma ardorosa defesa por uma sociologia "comprometida", "da libertação" e "sentipensante", uma vez que para ele o investigador não deveria manter uma relação de distância com o objeto, pelo contrário, as pesquisas deveriam ter um caráter intrinsecamente militante.

Sua proposta de metodologia de pesquisa está baseada na ideia de que deve ocorrer uma construção coletiva do conhecimento, na qual os pesquisadores devem estar predispostos a desaprender e a reaprender. Para Fals Borda (2015), devemos nos afastar dos pressupostos da ciência eurocêntrica para construirmos conhecimentos a partir da realidade latino-americana. Ademais, argumenta a existência de um "ser sentipensante" como parte da sua proposta filosófica-política-pedagógica. O próprio vocábulo “sentipensante” foi tomado emprestado por Fals Borda dos trabalhadores da região do Sinú, na Costa Atlântica da Colômbia. Assim, o autor recomenda uma "pesquisa sentipensante" que deve combinar a razão e o amor com o corpo e o coração, como fazem os povos originários a partir das sabedorias das suas práticas ancestrais. Dessa forma, propõe uma compreensão dialética da relação sujeito-objeto, parte de uma descentralização epistemológica, pois "Un paradigma emergente para nosotros produciría una articulación de la ciencia con la conciencia y del corazón al ritmo con la razón" (Fals Borda, 2015, p.336).

Essa postura epistemológica, que podemos relacionar ao conceito de "geopolítica do conhecimento", permite pensar que práticas metodológicas pautadas por uma prática decolonizadora devem ter como cerne o reconhecimento da dimensão do "ser sentipensante", o que propicia, nas palavras de Fals Borda, uma geração "ativa e sentipensante":

A diferencia de aquellas viejas generaciones centristas acomodadas, la generación activa y sentipensante actual ha logrado acumular prácticas y conocimientos superiores sobre la realidad nacional y puede actuar mejor en consecuencia. No ha

temido salir al terreno a pesar de los peligros e incompreensiones, y volver a aprender con gusto y ánimo sobre nuestro especial entorno tropical, combatiendo el tradicional colonialismo intelectual y político ante los nortños, y redescubriendo las culturas y tradiciones regionales y provinciales de nuestros pueblos de origen: los aborígenes, los afrocolombianos, los campesinos antiseñoriales provenientes de España, y los colonos internos (Fals Borda, 2015, p. 428).

Arturo Escobar, inspirado no conceito de “sentipensamento” de Fals Borda, argumenta em favor de "sentipensar con el territorio", ou seja, “pensar desde el corazón y desde la mente". O autor defende a necessidade de que "la lectora o el lector sentipiense con los territorios, culturas y conocimientos de sus pueblos —con sus ontologías—, más que con los conocimientos descontextualizados que subyacen a las nociones de 'desarrollo', 'crecimiento' y, hasta, 'economía' (Escobar, 2014, p. 16).

Por sua vez, Patricio Guerrero Arias, também inspirado nas "comunidades sentipensantes" de Fals Borda (Arias, 2010b, p.41), afirma que as "metodologías instrumentales que han objetivado a los otros y los han transformado en objetos de estudio e informantes" (Arias, 2010a, p.12), estão ligadas a colonização do saber, do poder e do ser, bem como da alteridade e da vida. Estas devem passar por um processo de descolonização e descentralização que o autor denomina “corazonar”, ou seja, agir desde a sabedoria do coração, num processo de integração entre afetividade e racionalidade, que conforma outros horizontes de existência. Isso porque o fundamentalismo racionalista cartesiano "euro-gringo-cêntrico", que tem lugar, cor e gênero, nos fez acreditar no império da razão que opera desde perspectivas logocêntricas e epistemocêntricas (Arias, 2010b, p.23). Segundo Arias "una de las formas más perversas de la colonialidad del ser es la colonialidad de la afectividad, la colonialidad del corazón" (Arias, 2010a, p. 9).

Ainda de acordo com este autor, para estabelecer um diálogo de "seres, saberes y sentires", a partir de uma "geopolítica del conocimiento desde la subalterniad, desde las epistemologías fronterizas, desde las 'sabidurías insurgentes'" (Arias, 2010b, p.37), é necessário "(...) empezar a corazonar como respuesta espiritual y política insurgente, puesto que el corazonar reintegra la dimensión de totalidad de nuestra humanidad al mostrar que somos la conjunción entre afectividad e inteligencia" (Arias, 2011, p. 29). Ademais, nas sabedorias insurgentes o conhecimento é "corporeizado" e se dá destaque para a "dimensão espiritual da existência" (Arias, 2010b, p.67).

Para aqueles que criticam o "giro decolonial" e os seus neologismos, Airas responde afirmando que os sentimentos, emoções e sensibilidades não formaram parte do saber

hegemônico e, portanto, não são, de fato, consideradas fontes de conhecimento legítimo, por isso a necessidade de "corazonar" para lutar contra a "colonialidade das afetividades":

CORAZONAR no es simplemente un neologismo, sino que implica pensar un modo de romper la fragmentación que de la condición humana hizo la colonialidad del poder, pues, desde la racionalidad colonial de occidente, *RAZONAR* ha sido el centro de la constitución de lo humano, ya desde un punto de vista semántico la sola palabra connota la ausencia de lo afectivo, la *RAZÓN* es el centro, y en ella la afectividad no aparece ni siquiera en la periferia (Arias, 2010b, p.40).

Nesse sentido, a partir do "corazonar", Arias nos apresenta uma questão-chave de cunho metodológico que nos parece fundamental neste trabalho: "¿Es posible corazonar las metodologías desde las sabidurías insurgentes?" (Arias, 2012, p. 211). A partir da sabedoria zapatista e andina o autor afirma que sim, argumentando que podemos estabelecer alguns referentes para "sentipensar propuestas metodológicas ‘otras’" (Arias, 2012, p. 212), tendo o método como caminho e os princípios da "totalidad" (espacialidade, temporalidade e sentido), "complementariedad y reciprocidad" e "enfoque comparativo" como exemplos de "sabedorias insurgentes" que "nos ofrecen referentes no solo teóricos, y metodológicos sino sobre todo éticos, estéticos y políticos para la construcción de sentidos ‘otros’ distintos del vivir (Arias, 2012, p.201).

Desse modo, Arias defende que para construirmos um efetivo "repesamiento crítico decolonial" é necessário interpelar, ao mesmo tempo, as teorias e as metodologias a partir de um enfoque decolonizador baseado na "pluridiversidad" e no "calor de las sabidurías del corazón" (Arias, 2012, p.224) e este novo caminho metodológico deve ser construído:

(...) en un continuo diálogo y escucha de y con los otros; y se los caminos hay que construirlos; y se a caminar sólo se aprende caminando; a investigar sólo se aprende investigando; la investigación lo aparece así como un acto de alteridad que permite el encuentro dialógico de nosotros con los otros (Arias, 2010b, p. 492).

2. Metodologias Decoloniais e o Buen Vivir

Nesta seção pretende-se apresentar ferramentas que emergem a partir do pensamento decolonial e se constituem chave de leitura para análises epistemológicas, bem como alguns caminhos metodológicos. São possibilidades que se manifestam na *práxis* dos(as) subalternizados(as) da América Latina e que estão encontrando eco entre as produções intelectuais com o marco decolonial. Primeiramente, se apresentará a proposta da interculturalidade, uma resposta à "colonialidade do saber", como uma possibilidade metodológica e depois um estudo de caso a partir da pesquisa que estamos desenvolvendo

conjuntamente sobre o *Buen-Vivir*: nossas dúvidas, avanços e limitações encontradas ao uso de uma metodologia decolonial para esse trabalho.

2.1. Interculturalidade como uma possibilidade integradora para metodologias decoloniais

A “colonialidade do poder”, a “colonialidade do ser” e a “colonialidade do saber” se refletem nas produções acadêmicas e nas suas metodologias para a investigação científica. Pensar metodologias decoloniais é reconhecer que “Toda metodología de la investigación es colonizante. Todo investigador es colonizador. La investigación fue asumida en/desde Abya Yala como un proceso deshumanizante, un conjunto de acciones colonizantes que causaron dolor y sufrimiento” (Ocaña; Lopez & Conedo, 2018, p.174). É colonizante porque as propostas quantitativas e qualitativas de investigação, que emergem do eurocentrismo, apontam o(a) outro(a) como um objeto a ser estudado, e entendido, negando as possibilidades do(a) outro(a) ser e contribuir com esse processo. Para decolonizar las prácticas investigativas, es necesario situar la investigación en un contexto cultural más amplio y hacer la autocrítica desde dentro del mismo proceso de investigación, reconociendo a cada sujeto participante como el otro-yo (Ocaña; Lopez & Conedo, 2018, p. 182).

Um dos elementos fundamentais para a construção de metodologias que não sejam eurocêntricas é o reconhecimento do(a) investigador(a) que sua pesquisa parte de um ponto colonizador. É o olhar de um(a) sobre o(a) outro(a), que não é a única verdade. Por isso, é preciso “reconocer con humildad que nuestras concepciones epistemológicas metodológicas no constituyen un sistema de reglas, no son una configuración normativa, no representan un saber universal, no constituyen una verdad absoluta” (Ocaña; Lopez & Conedo, 2018, p, 175).

Por isso, esse *re-conhecer*, um caminho que emerge desde o pensamento decolonial como uma utopia, mas também como uma prática que se constrói nas diversas realidades da América Latina/*Abya Yala* é a "interculturalidade". Entretanto, para entender a emergência da "interculturalidade" desde as práticas e pensamento latino-americanos, é preciso entender também o "multiculturalismo".

Catherine Walsh aponta o multiculturalismo como “(...) un relativismo cultural; es decir, una separación o segregación entre culturas demarcadas y cerradas sobre sí mismas, sin aspecto relacional” (Walsh, 2009, p.41). Na abordagem multicultural, as várias culturas convivem num determinado espaço ou território, respeitando-se mutuamente, mas sem interações que

provoquem alterações nas estruturas do sistema capitalista. É incluir o exótico e o diferente, mas sempre apontando que são exóticos e diferentes. Numa análise a partir das colonialidades do poder e do saber, é o incluir hierarquizando, porque não há alterações no padrão universal que continua eurocêntrico. Por isso, no "multiculturalismo", não é possível trazer elementos para decolonizar a investigação científica porque a relação entre sujeito e objeto permanece pois a "interculturalidade" emerge em outro lugar epistêmico:

(...) es implosionar –desde la diferencia– las estructuras coloniales del poder (incluyendo a aquéllas que intentan controlar el saber, el ser y las relaciones complejas en torno a la madre naturaleza), como reto, propuesta, proceso y proyecto; es re-conceptualizar y re-fundar estructuras sociales, epistémicas y de existencias, que ponen en escena y en relación equitativa lógicas, prácticas y modos culturales diversos de pensar, actuar y vivir. Por eso, la interculturalidad no es un hecho dado sino algo en permanente camino y construcción (Walsh, 2009, p. 43 e 44).

Ao contrário do "multiculturalismo", a "interculturalidade" busca nas diferenças culturais, sociais e econômicas dos povos, caminhos para pensar além do eurocentrismo que promove os interesses do capitalismo. Não se trata, portanto, da inclusão dos subalternizados(as) (negros(as), indígenas, deficientes, etc.) na lógica capitalista do Estado. Outrossim, não é o mero reconhecimento, ou convívio, ou mesmo a tolerância a partir de suas diferenças. "Se trata de impulsar activamente procesos de intercambio que, por medio de mediaciones sociales, políticas y comunicativas, permitan construir espacios de encuentro, diálogo, articulación y asociación entre seres y saberes, sentidos y prácticas (...)" (Walsh, 2009, p.45) propiciando que o objeto de investigação não seja um objeto, mas um sujeito, com a possibilidade, inclusive, de intervenção no processo de investigação. Não há hierarquia entre pesquisador(a) e pesquisado(a). É uma construção conjunta. É a possibilidade de que o(a) pesquisado(a) questione a finalidade e caminhos do(a) pesquisador(a). Assim, a partir do que se propõe, é necessário buscar outros caminhos e outras práticas para a pesquisa com "otras formas de hacer ciencia sin subalternizar, sin dominar las acciones humanas ni los ideales de una comunidad. Implica vivir en/por/para la propia comunidad que pretende decolonizarse. Es por ello que todo proceso decolonizante es una autodecolonización" (Ocaña; Lopez & Conedo, 2018, p.182).

Nesse sentido, os métodos decoloniais não podem existir somente para responder os objetivos do(a) pesquisador(a), mas, principalmente do(a) pesquisado(a). A teoria decolonial se coloca como para além de uma teoria, é uma *práxis*. Pensar a construção de metodologias decoloniais é procurar respostas para as questões que emergem desde os(as) oprimidos(as),

subalternizados(as), desde a colonialidade do poder, saber e ser, e não meramente responder questões acadêmicas que se encontram no topo da “geopolítica do conhecimento”:

El proceso decolonizante debe ser guiado por principios democráticos. Debe estar implicado dialógicamente con la comunidad participante, respetar la autonomía cultural y el derecho a la autodeterminación. Debe ser honesto y orientarse a cumplir objetivos de equidad, dignidad y justicia social. Debe estar encaminado a satisfacer las necesidades de los actores participantes. No debe limitarse solamente a un enfoque científico, paradigma epistemológico o estrategia metodológica. Debe ser armónico y coherente, pero puede combinar modalidades investigativas, métodos y técnicas. Debe ser creativo, crítico, reflexivo, disruptivo y configuracional (Ocaña; López & Canedo, 2018, p. 182).

Portanto, na perspectiva das metodologias decoloniais, o que justifica as pesquisas não é a possibilidade de encontrar respostas, mas a possibilidade de "interculturalidade" na relação entre pesquisador(a) e pesquisado(a).

2.2. Problemas que emergem das nossas pesquisas: bens relacionais como possibilidade metodológica para estudar o Buen-Vivir

Previamente, é importante relatar a dificuldade na construção deste tópico. Somos ensinadas, na perspectiva metodológica racional, a separarmos o sujeito do objeto de estudo. E falar do nosso objeto de estudo comum é falar também de “nós”, pesquisadoras, autoras deste artigo, com nossas ferramentas acadêmicas, mas também nossas fragilidades e incertezas ao percebermos que somos marcadas pela "colonialidade do saber" pois temos uma relação orientadora/orientanda na Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Integração Contemporânea na América Latina (PPGICAL), na Linha de Pesquisa "Cultura, Colonialidade/Decolonialidade e Movimentos Sociais" e nossa pesquisa está focada nos impactos do Bem-Viver na vida das mulheres bolivianas. Entretanto, não pretendemos aqui esmiuçar percepções da pesquisa, que se encontra em andamento, mas buscamos apresentar neste artigo algumas dificuldades encontradas dentro das ferramentas metodológicas.

O que é o *Buen-Vivir*? “Suma Qamaña” em aymara e “Sumak Kawsay” em quéchua “(...) al ser parte de una colectividad con una plataforma amplia y plural, es parte de las epistemologías del Sur. Es fundamental señalar que son autores indígenas y cosmovisiones indígenas las que en parte han tejido el Buen Vivir” (Zaragocin, 2017, p.22). Emerge desde a realidade dos povos latino-americanos subalternizados. “Ha surgido de luchas sociales y que ha sido plasmada en un marco constitucional. En este marco, no pretende ser una teoría

clarividente universal” (Ramírez, 2019, p.01). Os marcos referidos são as Constituições Equatoriana (2008) e Boliviana (2009), esta última sendo uma das principais fontes de nosso estudo para compreensão do *Buen-Vivir* na Bolívia. “Se trata de un proceso de constante construcción, hibridación, basado en conceptualizaciones que no tienen autoría individual sino colectiva y que surgen en este espacio poscolonial y decolonial del Abya Yala que es posible” (Zaragocin, 2017, p.22).

O que distingue esse processo de outros processos constitucionais vividos na América Latina é sua mudança epistemológica. Ao tratar do processo vivido pelo Equador, o ex-secretário de Educação Superior, Ciência e Tecnologia e Inovação do Equador, René Ramírez apontou que “es la recuperación de la mirada y el sentido del ‘otro’ (...). Y, en la disputa por recuperar la mirada de ‘el otro’ se rompe con el logos antropocéntrico al colocar a la naturaleza como sujeto de derechos” (Ramírez, 2019, p. 01).

Na atual configuração do que se entende por *Buen-Vivir* não é possível desconsiderar o que significa o *Buen-Vivir* nas relações ser humano/natureza. Ainda, dentro da percepção de Ramírez, “El paradigma del sumak kawsay rompe la dicotomía sociedad-naturaleza, ya que las dos forman un sistema (el cosmos). Por lo tanto, el sumak kawsay es imposible sin un sistema ecológico saludable” (Ramírez, 2019, p. 08). Para o autor, a sociedade capitalista é marcada pelo individualismo e competição entre indivíduos, que não se importam com os(as) outros(as) (Ramírez, 2019). Partindo do fato de que a sociedade capitalista é individualista e encontra no mercado a satisfação de seus indivíduos, o autor propõe pensar a proposta de bens relacionais como um caminho para a construção do *Buen-Vivir*.

Ramírez afirma que os bens relacionais “han sido mal denominados inmateriales dentro de la literatura especializada por no tener usualmente precio de mercado” (Ramírez, 2019, p. 03). São os bens que usualmente denominamos sentimentos, como amor, carinho, gratidão. Todavia “Los bienes relacionales pueden ser disfrutados en la medida que involucren potencial de reciprocidad (incluido el ser humano con naturaleza). En este marco, los bienes relacionales jamás podrán ser considerados una mercancía” (Ramírez, 2019, p. 04). Neste contexto, a perspectiva do *Buen-Vivir* nos desafia a enxergar seres humanos, animais e natureza para além da lógica do mercado, buscando uma relação que não seja de mero consumo, mas uma relação que “no puede florecer si uno no tiene capacidad de contemplar su entorno, reflexionar sobre el otro y conocerse a sí mismo” (Ramírez, 2019, p. 03).

Entendemos que analisar o *Buen-Vivir* dentro dos métodos que nós temos na universidade, marcados pelo universalismo, racionalismo e suposta neutralidade, é percebê-lo utilizando as ferramentas do colonizador, colocando-o numa lógica multicultural, em que é “excêntrico” e “exótico” falar de outras formas de construção de outros saberes e mundos, uma vez que temos ainda como principal parâmetro a construção das ciências sociais europeias. Nessa lógica, nossos estudos se reduziram a objetificar o *Buen-Vivir*, no mesmo marco colonial. “La única forma de ser decolonial es vivir sin supuestos, sin aprioris, sin expectativas, sin condiciones, sin exigências” (Ocaña; Lopez & Conedo, 2018, p. 186).

No que temos construído na nossa metodologia, isso significa que nosso “objeto” de estudo é sujeito que contribui na construção da dissertação, não somente com sua *práxis* mas com suas cosmologias, o que se tornou menos abstrato ao elencarmos o roteiro de elaboração da dissertação, com um primeiro capítulo dedicado à base teórica, um segundo capítulo dedicado à análise quantitativa (tendo como fonte os índices de medição de pobreza, analfabetismo, inclusão de minorias) dos impactos do *Buen-Vivir* na Bolívia e o terceiro capítulo dedicado a uma análise qualitativa a partir das realidades das mulheres bolivianas (com entrevistas e análise, a partir das produções de mulheres bolivianas, sobre o *Buen-Vivir*). Todavia, percebemos que esse olhar ainda era colonial.

No solo la investigación cuantitativa, generada desde un enfoque empírico analítico, es colonizadora. La investigación cualitativa también es colonizante. Al pretenderse científica, imita determinados rasgos y características de la ciencia moderna/colonial, y se cree con el derecho de proporcionar el cimiento de las configuraciones psicosociales del sujeto investigado. El “otro” es colonizado, queda representado por el investigador, quien se convierte en un colonizador, cercenando así las más nobles aspiraciones del ser humano de vivir en una sociedad más justa y equitativa (Ocaña; Lopez & Conedo, 2018, p. 177 e 178).

Entretanto, é bom enfatizar que mesmo utilizando as teorias decoloniais como base teórica, isso não transformava a pesquisa em uma pesquisa intercultural sobre o *Buen-Vivir*, porque predominava o olhar de pesquisadoras sobre essas ferramentas numa evolução linear da pesquisa científica. Assim, nos indagamos: como trazer essas ferramentas para que sejam parte do caminho traçado para os objetivos da pesquisa? “El proceso decolonizante es una necesidad de reconocimiento, de visibilización, de autovaloración a nivel epistémico, epistemológico, ético y político, sobre todo para las ciencias sociales de Abya Yala” (Ocaña; Lopez & Conedo, 2018, p. 179). Nesse sentido, entendemos que para decolonizar nosso método sobre o *Buen-Vivir* era necessário que a “interculturalidade” não fosse parte do processo, mas estivesse em

todo o processo, da introdução às considerações finais, passando por análises quantitativas e qualitativas.

Percebemos, igualmente, que tínhamos um caminho a trilhar se desenhando. A questão passou a ser: qual o meio para trilhar esse caminho? Novamente, a proposta de “bens relacionais” se mostrou um instrumento relevante, principalmente na sua perspectiva de trazer outro olhar à memória. “No puede haber buen vivir sin historia, sin memoria o sin recuerdos. En las culturas indígenas de la región, más doloroso que la muerte resulta el olvido (...). La memoria desde el marco de análisis señalado rompe con la temporalidad lineal propia de Occidente” (Ramírez, 2019, p.08).

Sendo o *Buen-Vivir* uma emergência desde o Sul Global, sua presença na pesquisa não é meramente como objeto de estudo em que há um tópico especificado. Sua presença é uma constante, com relações a partir da "interculturalidade" e uso dos métodos já existentes. Portanto, na prática, não houve uma grande alteração no roteiro de pesquisa. Todavia, houve um deslocamento do olhar, da *mirada* sobre o trabalho. “La era de la aceleración genera datos y en el mejor de los casos información, pero no historias, aconteceres. Por lo tanto es una duración y tiempo vacío. Así no se puede construir el recuerdo ni la esperanza. Todo es efímero” (Ramírez, 2019, p.08).

Dialogando também com as propostas metodológicas de “desobediência epistêmica”, “antropologia por demanda”, “sentipensar” e “corazonar”, um elemento para que emerja a "interculturalidade" é que essa pesquisa seja fonte de esperança e não meramente de dados para pensar o *Buen-Vivir*. Mais que possibilitar a nossos(as) interlocutores(as) um pensamento racional, se deseja um processo de *experenciar*, pois buscamos pensar outras possibilidades a partir de caminhos locais e cenários especificados. “La utopía de configurar una sociedad libre y democrática exige a la ciencia y a los procesos investigativos que se interesen, preocupen y ocupen de los anhelos, aspiraciones, esperanzas, metas, necesidades y sueños humanos” (Ocaña; Lopez & Conedo, 2018, p. 178).

Todavia, longe de celebrarmos o encontro de possibilidades metodológicas para nossos estudos, nos deparamos com três problemas para a aplicação desse método. O primeiro é o lugar geográfico em que estamos, porque fazemos uma pesquisa sobre uma experiência andina a partir de uma universidade na tríplice fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai, em Foz do Iguaçu. O segundo é o lugar político que ocupamos: duas mulheres brancas que realizam pesquisa com uma experiência de povos indígenas na Bolívia, e estão em uma universidade

federal no Sul do Brasil. Nos encontramos mais ao centro da "geopolítica do conhecimento" do que essas experiências, e somos marcadas por uma instituição que, ainda que tenha características mais acessíveis que outras instituições de ensino superior, está dentro da "colonialidade do saber".

Assim, nos indagamos: como pode emergir "interculturalidade" nesse espaço? Talvez pelo fato de estarmos nos aproximando e dialogando com as experiências do *Buen-Vivir* na Bolívia, experiências que nos questionam e ao mesmo tempo nos permitem pensar novos caminhos para que essa pesquisa não seja reflexo do "multiculturalismo". Reconhecemos que é pouco, e mesmo com uma pesquisa de campo sabemos que será pouco. Percebemos cada vez mais que os caminhos que emergem com a academia não permitem o diálogo intercultural. É um problema, mas também um passo para o diálogo intercultural: não desejamos salvar almas, nem colonizar, nem mostrar a superioridade da nossa civilização. Desejamos, primeiramente, dialogar.

Já o terceiro e último problema é o risco de que, na avaliação acadêmica, nossos estudos sejam vistos como infantis ou essencialistas. Falar em esperança e amor é falar uma linguagem abstrata, que só encontra sentido metodológico dentro do pensamento decolonial que, por sua vez, apresenta “limitaciones provienen del carácter estrictamente teórico y de la escasez de investigaciones empíricas de índole preferentemente –aunque no exclusivamente- cualitativa que ayuden a complejizar el horizonte de posibilidades y a ampliar el marco de referencias” (Puentes, 2014, p.06). Assim, o pensamento decolonial não é suficiente para ser o único marco para a metodologia do nosso trabalho e, ainda que apresente ferramentas interessantes, essas ferramentas também encontram outros marcos, fora de teorizações.

Percebemos que o *Buen-Vivir*, antes de ser teorizado, é uma *práxis* que emerge dos povos andinos, marcados pelo colonialismo e, nos últimos anos, neoliberalismo, mas que também carrega suas próprias contradições e violências (Puentes, 2014). Além disso, nos perguntamos: uma corrente que emergiu do centro da "geopolítica do conhecimento", formada por intelectuais que em sua maioria são homens brancos de classe média, pode dar conta de pensar métodos decoloniais para analisar o *Buen-Vivir*? Ainda que não tenhamos uma resposta clara para esta pergunta, vislumbramos algumas possibilidades de caminhos. Ao mesmo tempo que precisamos olhar com desconfiança para produções contraditórias, também necessitamos de ferramentas que possibilitam que na nossa pesquisa existam outros olhares, sem a hierarquia sujeito/objeto, espaços que permitam historicizar e marcar os lugares dos setores

subalternizados. “Ello nos permitirá descencializar tanto a los sectores subalternizados, como a nuestras formas de proceder cuando nos encontramos realizando investigaciones” (Puentes, 2014, p. 8).

Nesse sentido, essas ferramentas possibilitam a presença das epistemologias subalternizados(as) nos espaços centrais que constituem a "geopolítica do conhecimento", mas nos fica a pergunta: elas possibilitam a fala dos(as) subalternizados(as)? Na perspectiva espiral dos marcos do Bem-Viver, é preciso demarcar por todo o tempo esses lugares e contradições.

Considerações Finais:

Antes de apresentarmos nossas considerações, previamente queremos destacar que estamos acompanhando o processo de golpe de Estado vivenciado na Bolívia durante a construção deste artigo. Como ainda estamos encontrando chaves de leitura para entender esse processo, optamos por não abordar este que, sim, é um problema político e investigativo não só para nossa pesquisa, mas também para outros(as) investigadores(as) que estudam temas relacionados, com metodologias decoloniais ou não. Mas, como não temos a pretensão da neutralidade, o uso do termo “golpe de Estado” aponta para onde nossa pesquisa está caminhando.

Neste trabalho, apresentamos possibilidades para pensar além da “colonialidade metodológica” presente em nossas pesquisas. Reafirmamos: não tínhamos (nem temos) a pretensão de criar metodologias decoloniais que sejam universais, mas partimos de experiências locais que podem dialogar com outras experiências locais, tal como as experiências dos Fóruns Sociais. Aqui estão também nossas experiências.

Na primeira parte deste artigo trouxemos propostas teóricas de autores(as) decoloniais para repensarmos as metodologias usadas em pesquisas: a “geopolítica do conhecimento” nos aponta que nenhum saber é neutro, e que o saber emerge de corpos que estão situados geográfica e politicamente no mundo. Logo, se a produção do saber não é neutra, tampouco representa uma verdade universal. Por isso, Mignolo propõe a “desobediência epistêmica” para investigadores(as) que partem do marco decolonial. Igualmente, Rita Segatto, com uma “antropologia por demanda”, que não responda somente às questões da pesquisa, mas que emerja da necessidade dos povos que são objeto de estudo da antropologia tem eco neste trabalho. Ainda, como possibilidade teórica, o “sentipensar” e “corazonar” de Fals Borda e Arias

nos interpelam a não usar somente a racionalidade nas nossas pesquisas, mas também a emoção, o coração, o sentir. Já na segunda parte do trabalho, após as provocações teóricas, partimos para uma proposta prática às metodologias decoloniais: a “interculturalidade”, como um caminho de troca não hierárquica entre os saberes dos pesquisador(a)/pesquisados(as); e os “bens relacionais”, proposta que estamos usando na nossa pesquisa sobre o *Buen-Vivir*.

Pensar metodologias decoloniais é pensar outras ferramentas além das que hierarquizam e objetificam povos e vozes subalternizados e silenciados. Não por acaso, por todo o tempo, reafirmamos que as pesquisas não são neutras e que o conhecimento está hierarquizado a partir da “colonialidade do poder”. Esta é uma tentativa de tornar presente os caminhos do conhecimento que estão à margem, e questionar por todo o tempo, as metodologias nortecêntricas e suas linearidades.

Duas pesquisadoras podem pensar interculturalmente com o que os métodos tradicionais chamam de “objeto” e construir um estudo que possa colaborar com as construções de subalternizados(as)? Ainda: podemos colaborar com as construções subalternizadas e provocar a universidade com sua hierarquização dos saberes? Esses são os grandes desafios. É pretensioso pensar que nossa pesquisa pode servir aos povos andinos. São eles que nos ensinam, diariamente, e nos deslocam para fora de nosso espaço na colonialidade do saber. Por isso, percebemos que nesse deslocamento, nosso papel não é pensar interculturalidade com quem já a constrói a um longo tempo (Puentes, 2014), é necessário pensar interculturalidade com quem ainda não a constrói. Logo, reconhecemos que o lugar que ocupamos na “geopolítica do conhecimento” está hierarquicamente acima dos povos que estudamos, tal como pesquisadores homens em universidades centrais estão em posições melhores que a nossa nesse cenário. Imaginar que essa pesquisa vai provocar um giro decolonial nas metodologias construídas e sacramentadas em cinco séculos de modernidade, é ser ingênuo. Todavia, pesquisas - e não só a nossa - que se colocam como desobedientes em uma proposta de produção do conhecimento que se faz universal (sem o ser) nos questionam e provocam a sentir, experimentar *posibilidades otras*.

Por isso, percebemos que nós também somos uma “caixa de ferramentas” pelo que somos: uma possibilidade de iniciar um caminho intercultural com outros(as) interlocutores(as), sabendo das nossas limitações e sem pretensões idealistas ou salvacionistas, mas, meramente, como possibilidade que se faz.

Referências

- Arias, P. G. (2010a). Corazonar el sentido de las epistemologías dominantes desde las sabidurías insurgentes, para construir sentidos otros de la existencia (primera parte). *Calle 14 Revista De investigación En El Campo Del Arte*, 4(5), 80-95. <https://doi.org/10.14483/21450706.1205>
- Arias, P. G. (2010b). Corazonar. Una Antropología Comprometida Con La Vida. Miradas otras desde Abya-Yala para la decolonización del poder, del saber y del ser. Quito: Universidad Politécnica Salesiana.
- Arias, P. G. (2011). Corazonar la dimensión política de la espiritualidad y la dimensión espiritual de la política. *Alteridad 10. Revista de Ciencias Humanas, Sociales y Educación*, No 10. <https://doi.org/10.17163/alt.v6n1.2011.02>
- Arias, P. G. (2012). Corazonar desde el calor de las sabidurías insurgentes, la frialdad de la teoría y la metodología. *Sophia: Colección de Filosofía de la Educación: Universidad Politécnica Salesiana del Ecuador*, 13, 199-228. <https://www.redalyc.org/pdf/4418/441846102009.pdf>
- Castro-Gómez, S., Grosfogel, R. (coords.). (2007). El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre, Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar.
- Dussel, E. (2005). Europa, modernidade e eurocentrismo. In: Lander, E. (org). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas.*, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: Colección Sur Sur, CLACSO. <https://www.ufrb.edu.br/educacaodocampocfp/images/Edgardo-Lander-org-A-Colonialidade-do-Saber-eurocentrismo-e-ci3AAncias-sociais-perspectivas-latinoamericanas-LIVRO.pdf>
- Escobar, A. (2003). Mundos y conocimientos de otro modo: el programa de investigación modernidad/colonialidad latinoamericano. *Tabula Rasa*, 1, 58-86. <http://www.revistatabularasa.org/numero-1/escobar.pdf>
- Escobar, A. (2014). *Sentipensar con la tierra: nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia*. Medellín: Ediciones UNAULA. http://biblioteca.clacso.edu.ar/Colombia/escpos-unaula/20170802050253/pdf_460.pdf
- Fals Borda, O. (1978). *Por la praxis: el problema de cómo investigar la realidad para transformarla*. Bogotá: Federación para el Análisis de la Realidad Colombiana (FUNDARCO).
- Fals Borda, O. (1987). *Ciencia Propia y Colonialismo Intelectual*. Bogotá: Carlos Valencia Editores.
- Fals Borda, O. (2015). *Una sociología sentipensante para América Latina*. México, D. F.: Siglo XXI Editores; Buenos Aires: CLACSO. <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/coedicion/fborda/>
- Lander, E. (org). (2005). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Clacso. <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/lander/pt/lander.html>
- Lander, E. (org). (2000). *Colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: Clacso/UNESCO. <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100708034410/lander.pdf>
- Maldonado-Torres, N. (2007). Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: Castro-Gómez, S., Grosfoguel, R. *El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá. Siglo del Hombre Editores; Universidad Central; Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana; Instituto Pensar.
- Maldonado-Torres, N. (2009) “A Topologia do Ser e a Geopolítica do Conhecimento: modernidade, império e colonialidade”. In: Santos, B.; Meneses, M. (orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina.

- Mignolo, W. (2002). The geopolitics of knowledge and the colonial difference. *The South Atlantic Quarterly*, 101, (1), 57-95. http://www.unice.fr/crookall-cours/iup_geopoli/docs/Geopolitics.pdf
- Mignolo, W. (2007). *La idea de América Latina. La herida colonial y la opción decolonial*. Barcelona: Gedisa.
- Mignolo, W. (2010). *Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Argentina: Ediciones del Signo.
- Mignolo, W. (2017). Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 32(94), e329402. Epub June 22, 2017. <https://dx.doi.org/10.17666/329402/2017>
- Ocaña, A. O., López, M. I. A., Conedo, Z. P. (2018). Metodología ‘otra’ en la investigación social, humana y educativa. El hacer decolonial como proceso decolonizante. *Faia*, 07, (30), 172-200. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6575303>
- Porto-Gonçalves, C. W. (2005). Apresentação da edição em português. In: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Perspectivas latino-americanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. <https://www.ufrb.edu.br/educacaodocampocfp/images/Edgardo-Lander-org-A-Colonialidade-do-Saber-eurocentrismo-e-ciencias-sociais-perspectivas-latinoamericanas-LIVRO.pdf>
- Puentes, J. P. (2014). La investigación decolonial y sus límites. *Analectica Revista Electrónica de Pensamiento Actual*, 3, 01-11. https://ri.conicet.gov.ar/bitstream/handle/11336/45208/CONICET_Digital_Nro.17dba74d-ded6-43b3-9935-ed47488ea853_A.pdf?sequence=2&isAllowed=y
- Quijano, A. (1992). Colonialidad y modernidad-racionalidad. In: Bonília, Heraclio (Compilador). *Los conquistados. 1492 y la población indígena de las Américas*. Bogotá: Tercer Mundo Editores, 1992.
- Quijano, A. (2005). Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: *A colonialidade do saber, Eurocentrismo e ciências sociais*. Perspectivas Latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO. http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_QUIJANO.pdf
- Ramírez, R. (2019). Los bienes relacionales en la socioecología política de la vida buena. *Revista Crisol*, n. 06, Université Paris Nanterre: Paris.
- Segato, R. L. (2006). Antropología e direitos humanos: alteridade e ética no movimento de expansão dos direitos universais. *Mana*, 12(1), 207-236. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132006000100008>
- Segato, R. L. (2012). Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. *E-cadernos CES* [Online], 18 <http://journals.openedition.org/eces/1533>; DOI : 10.4000/eces.1533
- Segato, R. L. (2015). *La crítica de la decolonialidad en 8 ensayos y una antropología por demanda*. Prometeo Libros: Buenos Aires.
- Walsh, C. (2001). Entrevista a Walter Mignolo sobre "Las geopolíticas del conocimiento en relación a América Latina. *Comentario Internacional. Revista Del Centro Andino De Estudios Internacionales*, (2), 49-64. <https://revistas.uasb.edu.ec/index.php/comentario/article/view/241>
- Walsh, C. (2009). *Interculturalidad, Estado, Sociedad: Luchas (De)coloniales de Nuestra Época*. Universidad Andina Simon Bolivar: Quito.
- Zaragocin, S. (2017). “Feminismo y Buen Vivir”. In: Varea, Soledad; Zaragocin, Sofía (compiladoras). *Feminismo y Buen Vivir: utopías decoloniales*. Pydlos Ediciones - Universidad de Cuenca: Cuenca. [http://dspace.ucuenca.edu.ec/bitstream/123456789/27831/1/feminismo%20y%20buen%20vivir%20pdf%20PARA%20IMPRESION%20\(1\).pdf](http://dspace.ucuenca.edu.ec/bitstream/123456789/27831/1/feminismo%20y%20buen%20vivir%20pdf%20PARA%20IMPRESION%20(1).pdf)